

CEILÂNDIA

“Nossa cidade que se tornou vítima da pecha ruim de lugar violento”

Ceilândia viveu, ontem, situação especial. Por um dia, foi capital do Distrito Federal, honra que a ex-capital mineira, Ouro Preto, desfruta no dia 21 de abril, dedicado a Tiradentes. Os repórteres

Omar Abbud e Carlos Araújo ouviram depoimentos de líderes comunitários e visitaram o Centro Edmundo Macedo Soares e Silva, do Sesi, espécie de oásis numa cidade temerosa frente ao futuro de seus filhos, já que é moda, entre a garotada, cheirar cola de sapateiro

Com 320 mil habitantes, Ceilândia hoje está entre as cidades-satélites mais carentes do Distrito Federal. E a crescente onda de criminalidade que alimenta as páginas policiais vem preocupando a comunidade, embora para muitos o noticiário não passe de puro sensacionalismo. De qualquer forma, o aumento populacional contribui para o atual quadro que se desenha sobre os problemas de insegurança, segundo as autoridades. Quando se iniciou a remoção das invasões conhecidas como Vila Tenório, Invasão do IAPI, Vila Esperança, Vila Bernardo Sayão, Morro do Urubu, Morro do Querose e Placa da Mercedes, em março de 1971, não se previa a quantidade de problemas de hoje. Mas isto foi há onze anos, quando a cidade abrigava 82 mil pessoas.

Para Eurípedes Pedro de Camargo, presidente da Associação dos Incansáveis Moradores da Ceilândia, tudo se resume na falta de apoio das autoridades administrativas, principalmente no que se refere ao lazer. E talvez seja por falta de uma boa infra-estrutura neste setor que a cidade fica exposta a todo tipo de mazelas. Mas ele garante, falando sobre a propalada criminalidade, que a realidade é bem outra da estampada nos jornais. “Há exagero, porque 90 por cento dos habitantes são trabalhadores, são pessoas honestas que lutam para sobreviver”, afirma. Ele garante que a maior parte das brigas é motivada por questões financeiras de caráter particular, sem nenhuma relação direta com a criminalidade. “Há muita gente que estuda e chega em casa, uma hora da manhã, sem qualquer problema”.

Sua opinião é compartilhada por Cleusa Sales, presidente de outra associação de moradores, a Força da União, do Setor P Norte. A seu ver, os repórteres policiais carregam na tinta quando falam de crimes praticados em Ceilândia. “Não acho suicídio sair à noite. Ando a qualquer hora e nada acontece comigo. Penso que marginais existem em todo lugar”.

Eurípedes de Camargo acredita que a questão está relacionada muito mais à exploração da miséria. Normalmente, diz ele, a imprensa não está interessada em ir a fundo, questionar o porquê da criminalidade, “fazendo um sensacionalismo que não ajuda a ninguém”. Já Díosílio Pereira, membro da Associação dos Incansáveis Moradores da Ceilândia, lembra que a cidade apenas se tornou vítima da pecha ruim de lugar violento. Como ex-morador do Gama, ele diz que tanto quanto na Ceilândia, lá ocorrem constantes casos de violência, mas que não figuram nos noticiários. “Parece que há uma preocupação de se divulgar, de forma distorcida, tudo que acontece por aqui”. Ele acha fundamental um trabalho junto à população de outras áreas no sentido de se desfazer a imagem negativa.

COMÉRCIO PEQUENO

Outra preocupação de Cleusa Sales é com relação ao pequeno



comércio instalado nas quadras do Setor P Norte, de grande utilidade para os moradores, mas que desagrada à Administração Regional. Sob a alegação de que o pequeno comércio vem sendo foco gerador de violência, segundo explica Cleusa Sales, a administradora Maria de Lourdes Abadia Bastos vai acabar com todos os armários e botes instalados em locais considerados impróprios. “Acho que a violência poderá surgir, isto sim, mas com o fim do pequeno co-

mercio. Isto vai representar

umas 400 pessoas sem trabalhar, sem dispor deste meio de sobrevivência”, observou.

Cleusa explica que os moradores estão reivindicando junto à Administração Regional a venda dos lotes comerciais existentes no Setor P Norte, através de uma licitação entre seus habitantes, para evitar que somente os grandes comerciantes tenham chance de adquiri-los. “Sim,

porque a SHIS fez comércio

apenas para os grandes. Aqueles que dispõem de poucos recursos não têm a mínima chance.”

A maior preocupação dos moradores, na opinião de Cleusa Sales, muito mais do que a criminalidade atual, é o problema futuro. Isto porque o comércio de tóxicos representa um perigo para as novas gerações, se alguma providência não for tomada.

Tanto que o uso da cola de sapateiro para cheirar, por parte de crianças, é apontado como uma verdadeira coqueluche. “Acho que deveriam proibir a venda de cola, por aqui”, diz ela. Para alguns viciados, cheirar cola sai mais barato do que maconha.

“Eles compram uma lata, dividem o conteúdo em saquinhos plásticos e saem cheirando”.

Conseguir dinheiro para a cola é difícil, como explica, por sua vez, Eurípedes de Camargo: os menores entram no supermercado, roubam latas de sardinha e compram cola com o produto da venda.

“O lazer da rapaziada, por aqui, é cola”

“O lazer da rapaziada por aqui é a cola”, diz Cleusa Sales, presidente da Associação Força da União da Ceilândia, referindo-se ao hábito de uma parte dos jovens de cheirar cola de sapateiro, um tóxico de fácil acesso, conseguido mediante o roubo e a venda de cinco latas de sardinha ou a cotização para a compra da lata que custa cerca de Cr\$ 300,00.

Mais um indício de que Ceilândia é uma cidade onde só existem crimes? Não. É apenas a observação corriqueira de uma pessoa que se preocupa com o destino do lugar onde vive. Uma visão certamente distante da “menina dos olhos” do Presidente Figueiredo, mas que é real e dá uma medida exata do abandono em que vive aquela população.

“Falta” é o verbo mais conjugado em Ceilândia. Se falta tudo (água, esgoto, lotes para construir os barracos, condições de saúde e higiene) que dirá lazer, essa coisa tão “superflua”? Também não há dinheiro para ser gasto nisto, entre uma população de tão baixa renda, para a qual sobra a alternativa de, por seus próprios recursos, fazer, a enxada, seus próprios campinhos de pelada ou então bater um domínio nos fins de semana.

Há, contudo, algum equipamento de lazer na cidade. Um dos maiores e talvez mais bem instalados é o Centro Edmundo Macedo Soares e Silva, do Departamento Nacional do Sesi. Instalado numa área de pouco mais de 56 mil metros quadrados, ele supre uma parte muito pequena da população com suas atividades nas áreas de educação, saúde e lazer.

Com serviços de clínica geral, oftalmologia, ginecologia, pediatria, laboratório de análises clínicas e odontologia, com um trabalho mais preventivo que curativo, o Sesi presta serviços a cerca de nove mil pessoas por mês, o que é uma gota d’água num oceano, se compararmos esse número com os 320 mil habitantes da satélite. Mas o pouco que há, onde não há nada, é manha do céu.

Assim, funcionando das 8 às 22 horas, o Centro tem perto de três mil pessoas matriculadas em cursos que vão desde o pré-escolar ao primeiro grau, passando pelo supletivo, cursos de natação, vôlei, judô, futebol de salão, pré-natal, tecelagem, artes manuais, corte e costura e outros.

Segundo David Gonçalves de Oliveira, administrador do Cen-

tro, nos fins de semana ele funciona como um clube recreativo, com uma freqüência média de 1.200 pessoas, que buscam suas piscinas semi-olímpica e infantil, as duas quadras polivalentes, o campo de futebol e os jogos de salão, como sinuca, pebolim, ping-pong e dominó.

Além disso, o Sesi mantém uma banda de música infanto-juvenil, com cerca de 60 jovens, todos formados pelo próprio Sesi. Tudo isso representa um trabalho muito meritório que a entidade vem realizando na comunidade de Ceilândia desde 1973 — experimentalmente — e desde 75 oficialmente. Mas é certamente muito pouco para uma comunidade tão carente.

O que sobra então como lazer? Há dois clubes de futebol na cidade, o Tiradentes e o Ceilândia Esporte Clube, mas o estádio ainda está em construção. Assim, a forma de lazer mais popular do país também ainda não chegou a Ceilândia.

Há dois cinemas, o Itamaraty e o Regente, mas cuja freqüência não é tão grande, segundo Célio Covre, que acaba de construir um espaço para alugar a uma empresa exibidora. Contudo, ele até agora ainda não foi procurado por nenhuma dessas empre-

sas para que ali seja montada uma sala de espetáculos.

O que mais fazer? Há as festas

que são realizadas no Centro Comunitário, cedido pela Administração Regional, segundo Covre, mas muita gente — garante ele — vai mesmo é para Taguatinga, onde um dos grandes sucessos do momento são os jogos eletrônicos.

Nos cinemas da cidade, os títulos são sempre de filmes violentos e de libertinagem sexual, como se vê nos cartazes exibidos na frente do Cine Itamaraty: Emmanuel 2, Ases do Kung Fu Contra os Dragões, Orgia das Libertinas e um que curiosamente reúne os dois atrativos: Sexo e Karatê. Assim, supõe-se que este é o gosto da população.

Mas será esse mesmo o interesse dos moradores de Ceilândia? Eurípedes Pedro de Camargo, presidente da Associação dos Incansáveis Moradores da Ceilândia, acha que não: “Pelo menos para o meu gosto, acho a programação muito fraca. E, sem dúvida, falta uma estrutura de lazer à cidade”.

Ele garante que há muitos erros do tipo administração feita dentro dos gabinetes. Como exemplo disso, conta que, há

pouco tempo, foram construídas duas quadras de basquete e que os moradores arrancaram as tabelas para adaptar as quadras ao futebol de salão.

A falta de dinheiro também é uma das causas por que falta lazer à população. “Antigamente a gente se reunia e fazia piqueniques em lugares como a Lagoa Feia, Pipiripau e outros. Mas

aos poucos isso foi acabando, porque custa caro”.

Há ainda o Primão, um clube que, segundo Eurípedes, é fechado à comunidade e também é controlado pelo CDS, que, segundo ele, manipula nos bastidores de forma a colocar para dirigir-lo gente de sua confiança. Há também a intenção de fazer o Primão funcionar segundo as conveniências de horário dos funcionários e não de acordo com os interesses dos freqüentadores.

Tudo isso junto resulta no abandono dos jovens da cidade, à falta de o que fazer, dedicam-se a atividades menos meritórias como cheirar cola. Um aroma pouco agradável, mas que indica que é tempo de mudar e fazer de Ceilândia, povo, governo e instituições, um lugar mais habitável, onde a vida possa ser saudável.